

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA



EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. 8\$00
—Para outras localidades. 9\$90

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Teixeira Gomes O Algarve no Rio

O ALGARVE, diz-se, com real fundamento, que é a terra de poetas, terra de artistas.

A tradição já vem de longe e deve mesmo perder-se nos tempos lendários das mouras encantadas... A brandura do seu clima, a florescência da sua paisagem, a policromia deslumbrante reflectida nos mil e um efeitos dum sol fantasista, tudo embebe de poesia a mais individual das províncias portuguesas.

O Algarve precisava de um escritor que soubesse surpreender e plasticizar o mistério das suas cores. E esse paisagista surgiu um dia e chamou-se Manuel Teixeira Gomes.

Nasceu esse notável estilista em Portimão, em 1862. Aqui registamos alguns dos seus dados biográficos.

Depois de estudar preparatórios no Seminário de Coimbra, matriculou-se na Universidade que depressa trocou pela vida buliçosa da capital. Aqui, cedo se relaciona com alguns homens ilustres das letras do tempo e, mais intimamente, com João de Deus e Fialho de Almeida. Mudando depois de residência para o Porto — onde igualmente acamaradou com os maiores vultos de artistas do meio — ali fundou um pequeno jornal, consagrado à vida teatral, ao mesmo tempo que colaborava na «Folha Nova», no «Primeiro de Janeiro», além doutras gazetas e revistas. Voltando, mais tarde, a Portimão, ali junto de seus pais, se consa-

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

Câmara Municipal

Tomou posse do cargo de tesoureiro da Câmara Municipal deste concelho o sr. Jorge Madeira Santos, natural de Faro, que, mediante concurso, foi colocado nesta cidade.

Fazemos votos pelas suas felicidades no desempenho das suas novas funções.

DESPEDIMENTO

da nossa acção jornalística

NÃO podemos mais!... Apesar da minha memória ainda se conservar perfeita não podemos continuar a ser periodista, com aquela assiduidade que é peculiar da nossa compleição, porque os meus quase 67 anos de existência estão sob o infalível peso de desgostos pelo desaparecimento, para mim prematuro (é o termo), de entes queridos, e também porque a nossa mocidade entregámo-la ao sacrossanto serviço da Pátria, nas inhóspitas plagas africanas, cuja nocividade para a saúde do corpo agora se reflecte neste período da minha existência, pois estou gasto e quase arrasado, e levou-nos direitos a uma terrível «hipertensão arterial».

Em virtude de todos estes inepidos factores psicológicos e patológicos, vejo-me compelido a pôr de parte o jornalismo — pelo qual

IVETA RIBEIRO, que já passou por Tavira, de onde levou as mais gratas recordações, vem regularmente dirigindo um programa semanal de intercâmbio cultural luso-brasileiro por intermédio de Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, cuja inauguração teve lugar no começo de Novembro, com a presença das nossas autoridades diplomáticas e consulares naquela capital, de importantes vultos da nossa colónia, representantes da imprensa e crítica, tendo o êxito sido completo.

Sucede que, no passado dia 13 do corrente mês, esse programa, a que a distinta escritora e artista lusófila deu a designação de *Espelho de Portugal*, foi inteiramente dedicado a esta nossa província, de que a mesma ilustre artista se tem mostrado ena-



IVETA RIBEIRO

morada desde que a visitou no Verão de 1950.

E, assim, tiveram os algar-

vios dispersos pelo Brasil ocasião de matar saudades da sua música típica, dos cantares e corridinhos da sua província (entre os quais um do maestro Herculano Rocha, com letra de Virgínio Pires), de ouvir recitar versos dos seus poetas, e de recordar paisagens, costumes e lendas algarvias cuja evocação ali teve lugar.

Neste número, reproduzimos o diálogo *Moiras Encantadas* que figurou nessa emissão interpretado por Sylviny Ribeiro (que também esteve em Tavira) e por J. Fernandes, e que para tal efeito foi escrito por Maria Marinha.

Iveta Ribeiro é, pois, mais

AS MOIRAS ENCANTADAS

(Diálogo de MARIA MARINHA; radiofundido por Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, na sua emissão de 13 do corrente mês de Março, dedicada ao Algarve)

— Pelo que depreendo, acredita em moiras encantadas...

— Sim, acredito! E não me sinto diminuído por isso.

— Muito me surpreende que assim seja!... Supunha eu que essas histórias maravilhosas eram para crianças e não para gente

A declaração do sr.

Eng.º Cancela de Abreu

TERMINOU a primeira fase da reorganização das comissões dirigentes da União Nacional. Essa fase foi aquela em que tiveram intervenção directa os próprios filiados, marcando a sua posição através do voto que levaram às urnas, em todo o País, para escolha dos vogais das comissões concelhias, assim como das comissões de freguesia em Lisboa e Porto.

As notícias já transmitidas à Comissão Executiva são de molde a esta se congratular com o interesse que os filiados manifestaram pelas eleições. A afluência de votantes foi considerável e constitui promissor indício de nova vitalidade na Organização. Em muitos concelhos, a afirmação da personalidade política dos filiados da U. N. atingiu aspecto excepcional; noutros, o interesse aumentou, por motivo de competição entre listas diferentes, apresentadas não por correntes políticas antagónicas — como é óbvio — mas por elementos nacionalistas, localmente reunidos em agrupamentos distintos. Regista-se, até, que em alguns concelhos não triunfou a lista patrocinada pelas actuais comissões, sinal de que justamente se aconselhava a respectiva substituição.

Na fase que agora se segue há ainda uma parte de carácter electivo: — os vogais já eleitos para as comissões concelhias elegerão os vogais das comissões distritais; e estas, por sua vez, vão eleger alguns vogais da Comissão Central. Não só através dessas eleições, como da designação dos presidentes e vice-presidentes das comissões regionais a fazer pelas Comissões Central e Executiva, espera-se trazer à vida activa da U. N. valores novos e animosos, rendendo alguns dos mais antigos e dando nova feição ao comando nacionalista local, que é conveniente não se conservar sempre nas mesmas mãos.

A Comissão Executiva de todos espera a boa compreensão deste objectivo.



Iveta Ribeiro, em Tavira, saindo da casa do nosso colaborador Dr. Hernâni de Lencastre

uma vez, credora do nosso reconhecimento, sendo para nós muito grato vê-la prosseguir, sem desfalecimentos, na sua nobre cruzada de aproximação dos nossos dois povos atlânticos.

grande, habituada à realidade... — E o que é a realidade? Alguém jamais conseguiu precisar onde começa e onde acaba?... Como observou algures, numa hora atormentada, certo príncipe da Dinamarca: há mais coisas no Céu e na Terra do que a nossa filosofia imagina...

— E esses encantamentos persistem nos seus efeitos, não obstante dobrado o meio do nosso século!?

— O tempo aqui não corresponde à noção que dele fazemos... Para que se quebrem, tudo está em que se profira a palavra mágica ou que surja o acontecimento previsto segundo o que foi fadado...

— E ainda existem em Portugal muitas moiras encantadas?

— Não muitas, tirando o Algarve. Nesta região do sul do país, por ser aquela em que a Moirama manteve mais prolongado domínio, é que restam

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

COLUMBOFILIA

Para bem começar

NÓS, os principiantes, não nos devemos deixar influenciar, nem pelas datas nem pelos prémios de um calendário desportivo. Devemos apenas ter em conta e atender acima de tudo ao estado e à situação dos nossos pombos no momento em que os fazemos concursar.

Sendo sabido que, no natural, as condições de sucesso variam constantemente, temos que procurar saber, para cada pombo, em que posição ele tem mais probabilidades de triunfar. Depois de muito bem estudada a sua posição, importa dispor as coisas de maneira que um determinado pombo só concursa nessas ocasiões, sendo um erro mandá-lo fora da sua posição favorita. Ele virá, sim! Mas sem interesse e, portanto, atrasado.

Para os pombos já concursados e estudados, não há preocupações. Importa estudar apenas os novos; e para isso, nada como os treinos preliminares que todas as Sociedades organizam e que nos dirão se os novos sabem vir dar ao seu pombal. Depois, procuraremos estudar cada pombo por si, para lhe podermos aumentar o interesse de vir rapidamente para casa. Por exemplo: se tivermos uma pomba muito agarrada aos seus ovos ou aos seus filhos, é muito natural que, ao ser largada de longe, ela procure regressar o mais rapidamente possível. O mesmo acontecerá a um macho muito ciumento que não possa suportar a ideia de que outro pombo fique no pombal com a sua fêmea.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Procissão de Passos

na Fuseta

Realiza-se hoje, na laboriosa e importante povoação da Fuseta, a tradicional Procissão de Passos, que costuma levar aquela localidade grande número de forasteiros.

Por esse Mundo fora...

OS SUPLENTEs do Pacto do Atlântico, reunidos em Londres, aprovaram a nomeação do General Lorde Ismay, actualmente secretário de Estado britânico para a Comunidade, para o cargo de secretário-geral da Organização do Pacto do Atlântico. Como se sabe, é a primeira individualidade a ocupar o referido cargo que não deve ser tão espinhoso como o de secretário-geral da O. N. U..

O GENERAL americano Willoughby, que foi director dos serviços de informação de Mac Arthur, declarou recentemente que o lugar de Gibraltar é agora ocupado pela Península Ibérica indivizível e que a Espanha,

além de um alto valor estratégico, possui um forte elemento moral: é um país profundamente religioso, com o sentido da tradição, da família e da raça.

A COMISSÃO de Justiça da Assembleia Nacional francesa recomendou por 24 votos contra 15 e uma abstenção a revogação de uma disposição legal, pela qual os políticos que votaram a favor da subida ao Poder, em Junho de 1940, do marechal Petain, não podem candidatar-se a deputados. Estão nesse número Bonnet e Flandin. O primeiro, ministro dos Estrangeiros, quando da crise de Munique; o outro, antigo chefe do Governo.

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

DE LISBOA

RESPIGOS DA QUINZENA

O Folclore Alentejano: Revestiu-se de um brilhantismo a jornada da Embaixada do Folclore Alentejano, com a sua exibição no Pavilhão dos Desportos, na noite do passado dia 15. Foi uma noite memorável. Só quem assistiu a esta formidável parada de arte, de beleza, de um regionalismo sincero, é que pode fazer um juízo absoluto da grandiosidade que assumiu esta Festa Nacional. Sim, Nacional, sem dúvida alguma, dado o entusiasmo e sentido patriótico que transbordava nos corações daquela mole de gente que ali foi assistir a um espectáculo ainda inédito para o povo de Lisboa.

O Pavilhão encontrava-se febrilmente iluminado a abarrotar de gente. Dava-nos a impressão de irmos a assistir a um dos memoráveis jogos da nossa equipa de hóquei em patins. A sala, onde alinharam os grupos representativos do Alentejo, numa disposição de formatura militar, apresentava um aspecto deslumbrante. A assistência, presa de um encanto singular, não se cansou de aplaudir os grupos, chegando alguns a terem de bisar os números do seu maior agrado.

As bilheteiras eram quatro e não davam mãos a medir, tantos foram aqueles que queriam ver os alentejanos, obrigando-se a catarem horas e horas a pé firme para obterem um bocado de papel que lhes desse ingresso no Pavilhão. Os teatros e cinemas da Capital, naquela noite, ressentiram-se pela fraca receita que tiveram.

Eram em número superior a 200 os componentes da Embaixada Alentejana, afóra as individualidades oficiais e representativas da província alentejana. Sem receio de desmentido, pode-se afirmar que, da Colónia alentejana, residente em Lisboa, nem um ficou

em casa. Ali foi no máximo da sua força a aplaudir e dar a sua presença de solidariedade aos seus comprouvianos. É uma prova exuberante de puro regionalismo, que não deve «passar despercebido», aos algarvios. Sim, o Algarve possui um belo folclore, típico e muito SEU, que já era tempo de pensar em exibi-lo, para demonstrar perante o País a sua força espiritual e cultural, cantando as belezas da sua província.

Pois o «Caso Alentejano», de memorável deslumbramento, deve-se a um alentejano de fibra, o Dr. Virgílio Baião, Director da Casa do Alentejo, de Lisboa.

Homenagem ao sr. Dr. Olídeira Salazar:

Os pescadores de Portugal, representados pelas suas 27 Casas dos Pescadores e acompanhados pelos directores das suas Casas, ilustres oficiais da Marinha de Guerra e ainda pela Direcção da Junta Central das Casas dos Pescadores, srs. Comandante Henrique Tenreiro, António Torres Feveiro, Dr. Duarte Silva e Dr. Carlos Atonso de Carvalho, prestaram uma significativa e emotiva homenagem a Sua Excelência o Sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, no passado dia 17, no Palácio de S. Bento. A homenagem, que foi breve, mas que teve a incomparável grandeza das coisas simples e sãs, teve a característica de um gesto nobre e sincero da honrada Classe Piscatória: de gratidão ao HOMEM QUE TANTO TEM FEITO POR ELES.

Longe vão os tempos em que a nobre e valorosa gente do Mar se via abandonada, e as suas condições de vida desprezadas. Hoje, acarinhada e beneficiando de regalias que outras classes não usufruem, sente-se dignificada e as suas famílias amparadas, mercê de uma política séria.

Pelos casos representativos das Casas dos Pescadores, foram oferecidas lembranças ao Chefe do Governo e entregue uma rica pata de veludo azul, contendo uma mensagem assinada pelas Direcções das Casas dos Pescadores.

Dentre os pescadores que vimos aqui, em Lisboa, mitos deles «velhos lobos do mar», traziam ao peito medalhas com que foram galardoados por feitos heróicos e de exemplar comportamento.

Nos seus rostos queimados e enrugados, denotava-se uma indescritível alegria por terem, peçoalmente, apertado a mão de um outro trabalhador, o seu irmão maior, que, à frente do Governo da Nação, tem conduzido a nau portuguesa com firmeza, de molde a poder dar-lhes a certeza do dia de amanhã.

Os pescadores, que nunca souberam mentir e que vivem e trabalham honradamente, de cara descoberta e sem vergonha, adrengando a morrer na sua faina, são dignos da assistência e carinho que o Estado Novo lhes tem dispensado. E, por este facto, os trabalhadores do mar do Império Português foram de abalada a Capital cumprir um voto: o da gratidão.

Março, 1952

Luis Sebastião Peres

Uma conferência do Dr. Justino Bivar na Aliança Luso-Britânica

De autoria estranha à Redacção deste jornal, veio publicada na 3.ª página do «Povo Algarvio», uma local com este título, na qual se prometia a publicação no próximo número duma conferência realizada pelo sr. Dr. Justino Bivar no Circulo Cultural do Algarve, no dia 11, pelas 21,30 horas. Julgamos «ratar-se dum lapso havido na tipografia, pois não temos, nem nos foi solicitada tal publicação.

Redacção do «Povo Algarvio»

CARTAS

a uma gentil balsense

20.ª Carta

Até que ponto estas cartas lhe têm sido úteis só você o poderá dizer, bem como a meia dúzia de raparigas que eu sei que as lêem. Todavia, arrisco-me a afirmar que sempre têm sido de maior utilidade que os espaços brancos deste jornal da autoria de determinadas pessoas que têm por sistema criticar tudo, mas numa crítica digamos negativa, em que tudo é destrutivo e nada construtivo. Para falar com franqueza, acho que essas pessoas seriam mais coerentes consigo próprias se, em vez de dizerem que o que escrevo não tem interesse ou tem-no bastante restrito, provassem no exuberante, escrevendo coisas mais úteis, mais actuais e mais interessantes do que as minhas. Assim, sim. E publicando-as, «Povo Algarvio» lucraria sobremodo.

A crítica para ser crítica deve apontar casos concretos deficiências ou erros, e não limitar-se a ditos ou sorrisos mais ou menos mordazes, palavras de dubio sentido, pazes com reticências. É assim que se procede, quando se quer proceder lealmente, na literatura, na política, nas artes, enfim em qualquer sector das manifestações do saber e da actividade humanas. É assim igualmente que se deve proceder nas relações pessoais, entre família e entre famílias e, por extensão, entre a família tavricense que colabora e lê o jornal da sua Terra.

Eis porque estranho, me aborreo e me revolto quando sei que criticam os meus escritos sem lhes apontar aqui ou ali qualquer razão da crítica, erro de fundo ou de forma; e, tratando-se de tavrenses, amigos da sua Terra e do seu jornal, não põem a sua inteligência e possibilidades literárias ou científicas ou simples opiniões e conceitos, por certo mais clarividentes e profundos que os meus, ao dispor da redacção do «Povo Algarvio» que os receberia de braços abertos, dando-lhes o lugar a que tivessem direito.

Mas não. Preferem cômoda e cobardamente insinuar na sombra quando deviam vir a terretro aberto; preferem dizer que está mal, a demonstrarem que sabem fazer melhor; preferem declarar que determinado assunto não tem interesse ou foi mal focado, a abordarem com acuidade outro de maior interesse.

Daqui, pois, intimo as, a essas pessoas que se me dirigem mais ou menos indirectamente (indirectamente, note-se) a retratarem-se directamente de tudo que andam a dizer por trás, de todas essas aleivosias, a defrontarem-se frente a frente com o

Jacinto

P. S. — Desculpe, Ivone e a meia dúzia de leitoras destas «Cartas» esta espécie de reptio lançado numa secção tão pacata, mas tinha de ser aqui; pois, segundo me consta, as críticas foram especialmente dedicadas às mesmas...

Perdeu-se

Uma gabardine, na noite de 14 do corrente, na Estrada Nacional entre a Povoação da Luz e Alfindanga.

Gratifica-se bem a quem a entregar nesta Redacção.

CASA

Com rés-do-chão e 1.º andar, com a chave na mão, vende-se, no Campo dos Mártires da República—Tavira.

Nesta Redacção se informa.

CARTA PARA ALÉM

Não me disseste nada
E mesmo assim partiste!
Morreu a minha vida, os olhos que eram meus,
A Alma desta Alma,
E eu fiquei tão triste!
Sinto a tua pequenina mão segurar o meu seio
Para melhor sugá-lo.
Olhares os meus olhos
E segurares-te aos meus braços sem receio.

Vejo sempre as tuas gracinhas,
O teu primeiro passinho hesitante,
Os teus risos e lágrimas,
As tuas brincadeiras na praia e no campo;
O teu primeiro mal, o sarampo,
E a alegria louca ao possuíres
Os primeiros livros de estudante.

Depois... Eu vi também
Que já eras um homem,
Que me davas o braço, me contavas os teus projectos,
Que me falavas dos teus amores,
Da lei, da lealdade e honra
E me contavas também os teus dissabores.

Eu te mirava embevecida!...
Se te queria mais a ti, que à minha própria vida!...

Não conto a ninguém, nem a ti meu papel,
A mágoa, a dor, o luto
E o pranto sem lágrimas, enxuto,
Que o coração derrama.
Ninguém o saberá, ninguém o avalia,
Só aquelas desgraçadas que um dia
Igual dor sentirem,
Como cruel espada,
Ferindo, rasgando e cortando
O coração,
E a Alma em amarguras retalhada.
Eu falo, grito, choro, mas não digo,
Não há ainda palavra para poder contar
A dor imensa duma mãe
Por um filho que partiu, sem o poder beijar,
Sem lhe dizer adeus, sem lhe dizer mais nada.

Março de 1952

MARIA LEONOR GOMES DE MELO E HORTA

Doente Pobre

Gestos de Caridade

O NOSSO apelo, lançado para compra de estreptomocina para a cura do infeliz José Juviano Palmeira, pode dizer-se que fechou com chave de ouro.

Conforme dissemos no nosso último número, apenas tínhamos conseguido obter 364\$50; quando, conforme havia sido determinado pelo médico, o tratamento custa 600\$000.

O tratamento já havia sido suspenso por falta de dinheiro. Na presente semana, recebemos mais os seguintes donativos:

De um anónimo, por alma de sua esposa	5\$00
Do sr. Alonzo José dos Reis, da Fuzeta	24\$00
	29\$00

Faltavam pois 206\$50, para completar a verba almejada.

Como há sempre almas generosas que sentem a dor e a miséria alheia, houve um tavricense que, apesar de ausente, tem sempre o coração preso à sua terra natal; e, ao ler o lamento do nosso último número, por ver que não conseguíamos atingir o fim em vista, num rebatê daqueles que só podem sentir as almas boas, resolveu telegrafar para Tavira, ordenando que se entregasse ao pobre o que faltava para o seu completo tratamento. Este nosso conterrâneo e amigo é o sr. Dr. João do Nascimento Mansinho, ilustre professor do Liceu de Castelo Branco, que telegrafou a seu irmão, também nosso prezado amigo, sr. João Viegas Mansinho, para que ele entregasse de sua conta a citada importância.

Também do sr. Cônego José Augusto Vieira Fale, ilustre presidente da Delegação de Faro, da Cruz Vermelha Portuguesa, recebemos a quantia de 150\$000, destinada a compra de 10 gramas de estreptomocina.

Em nome do pobre doente, agradecemos tais gestos de caridade, que com prazer registamos nestas colunas.

PELA CIDADE

Procissão de Passos—No próximo domingo realizar-se-á, nesta cidade, a tradicional e pomposa Procissão do Senhor dos Passos.

Teatro António Pinheiro—Especáculos da Semana:

Hoje, apresenta o filme mais emocionante dos últimos tempos —grande prémio do festival do cinema em Cannes—O Terceiro Homem, com Joseph Cotten, Alida Valli, Orson Welles e Trevor Howard. Uma grandiosa produção de David O'Selznick e Alexandre Korda. Emoção, intriga, mistério. Um clou sensacional... A caça a um temível assassino no negro labirinto dos esgotos de Viena.

O perigo espregia nas sombras de Viena. Quem é «O Terceiro Homem» que desafia a polícia militar?

Quinta feira, uma das mais empolgantes histórias dos tempos da colonização americana. No País dos Comanches, em tcnico- color, com Maureen O'Hara e Mac Donald Carey. Um espectáculo maravilhoso, onde há amor e aventuras, emoção e comicidade. Um homem luta pela paz com os ídolos, mas teme a cada passo o perigo de uma mulher.

Em complemento, um espectáculo alegre trepidante, com graciosos números de música: Uma noite de Sorte, com as irmãs Andrews, Martha O'Driscoll e Noah Beery, Jr.. Um rapaz da província vive as mais picarecas aventuras numa grande cidade. O seu destino estava marcado para os maiores disparates até um dia... em que o amor tudo venceu.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aboim.

Assinal o «Povo Algarvio»

TROVA

Maria, toma cuidado,
Vê como pisas o chão;
Se dás um passo mal dado,
Pisas o meu coração!...

Isidoro Pires

Noticias Pessoais

Aniversários

Fizeram anos:

Em 21—Mle. Maria Constantino Lopes da Cruz.

Fazem anos:

Em 24—D. Maria Germana Neves Melo Brás e D. Beatriz Viegas da Conceição Monteiro.

Em 25—D. Francisca da Encarnação Parreira Gonçalves, D. Maria Fernanda da Encarnação Pires e sr. João Viegas.

Em 26—D. Catarina da Conceição Costa.

Em 27—Mle. Maria de Lourdes da Saúde Pires, D. Maria José Madeira, srs. Henrique Júdice Leote Cavaco, Joaquim Domingos e menino Apolinário Damasceno da Fonseca Silva.

Em 28—D. Beatriz Costa da Fonseca e Silva, D. Maria Eduarda Ramos Pires, D. Maria Luísa Romeira Canseira e sr. Francisco Fernando Conreira Lopes.

Em 29—D. Maria Vitorina Parra Viegas.

Partidas e Chegadas

Foi à capital o nosso prezado assinante sr. Engenheiro João Maria Cabral, director do Posto Agrário de Sotavento do Algarve.

—Foi à capital, donde já regressou, o sr. Comandante Henriques de Brito, comandante dos Portos de Faro, Tavira e Vila Real de Santo António.

Doentes

Encontra-se doente o nosso assinante sr. Aldemo José Calço.

Foi submetido a uma operação de urgência, no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, o nosso prezado assinante sr. José do Carmo, conceituado comerciante da nossa praça.

Foram operadores srs. Drs. Sousa Balté, de Faro, e Jorge Correia desta cidade.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

INFORMAÇÕES

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Junta Nacional dos Produtos Pecuários
CAMPANHA LANAR DE 1952
Aviso aos Produtores de Lãs

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários convida todos os ovinicultores a fazerem a sua inscrição nas Delegações da Junta, directamente ou por intermédio dos Grémios da Lavoura, a fim de lhes ser prestada assistência técnica na próxima CAMPANHA LANAR. Como se compreende, há toda a conveniência em que os produtores se inscrevam desde já, não só para que os Serviços da Junta organizem a tempo e horas o seu plano de assistência técnica, como também para que essa assistência abranja o maior número possível de produtores. A assistência técnica, gratuita, que vai ser prestada terá por objectivo principal auxiliar os lavradores na valorização da lã dos seus rebanhos, procurando-se que tanto a tosquia como as operações complementares de enrolamento e armazenamento dos velos se façam segundo as melhoras técnicas.

As normas que vão seguir-se na próxima CAMPANHA LANAR são as seguintes:

1.ª — A Junta só intervirá na venda de partidas de lã que tenham sido tosquiadas por manejeiros encartados, e cujas datas de tosquia sejam previamente comunicadas às Delegações deste Organismo.

2.ª — A Junta envidará os seus esforços no sentido de organizar as brigadas necessárias para assegurar uma assistência activa e profícua a todos os lavradores que a solicitarem.

3.ª — Os lavradores do Baixo Alentejo, Ribatejo e Estremadura que desejarem a intervenção da Junta na venda da lã dos seus rebanhos, solicitarão a assistência técnica deste Organismo até 20 de Abril; os do Alto Alentejo poderão fazê-lo até ao dia 30 do mesmo mês; e os da Beira Baixa, até ao dia 10 de Maio.

Os pedidos poderão ser feitos directamente às Delegações da Junta ou por intermédio dos Grémios da Lavoura.

4.ª — Nos pedidos de assistência, os lavradores deverão indicar o seguinte: nome e morada; número aproximado de ovinos; local onde tencionam realizar as tosquias e data do seu início; e, ainda, nome da propriedade com indicação da freguesia e concelho a que pertence.

5.ª — É gratuita toda a assistência que os técnicos da Junta possam prestar aos produtores.

6.ª — Só poderão ser recebidas nos armazéns da Junta ou dos Grémios da Lavoura as partidas de lã que tenham sido tosquiadas por manejeiros encartados, e para as quais tenha sido solicitada a assistência técnica dos Serviços.

7.ª — Só para as partidas que estiverem nas condições do número anterior a Junta poderá fazer adiantamentos de fundos, por conta das lãs concentradas.

8.ª — Os Serviços Técnicos da Junta classificarão, avaliarão e promoverão a venda das partidas de lã concentradas nos seus armazéns ou nos armazéns dos Grémios da Lavoura.

Como se depreende, a forma como decorrerá a próxima Campanha Lanar ficará dependente, em grande parte, do espírito compreensivo e da colaboração de todos os produtores.

Só assim, a Junta, pela acção dos seus Serviços Técnicos, poderá colaborar efectivamente na defesa de um dos maiores valores da economia agrícola do País.

Junta Nacional dos Produtos Pecuários, 14 de Março de 1952.

Pelo último movimento de pessoal da Direcção Geral das Contribuições de impostos, publicado no «Diário do Governo», foram transferidos, a seu pedido, os seguintes funcionários: sr. Aurélio Rebelo Neves, 1.º oficial da Direcção de Finanças, de Viana do Castelo para a de Setúbal; sr. José Júlio Palmeira, aspirante de Finanças, de Serpa para Vila Real de Santo António; e sr. José António Correia Dourado, aspirante de Finanças, de S. Brás de Alportel para Faro.

Emissões Recreativas do
«Mundo de Aventuras»
em Rádio Clube Português

O semanário juvenil «Mundo de Aventuras» que, por seus próprios méritos, alcançou justa preferência entre os leitores de todas as idades, não deixa de corresponder por todas as formas ao belo acolhimento que sempre lhe tem sido dispensado.

Assim, vai oferecer aos seus leitores, amigos e admiradores, emissões recreativas, todos os domingos, pelas 13,15 horas em Rádio Clube Português, a partir do dia 23 do corrente.

Sinceramente desejamos a «Mundo de Aventuras», neste novo aspecto da sua vitalidade, o êxito que sempre tem encontrado nas suas iniciativas.

As Moiras Encantadas

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

relativamente bastantes. Com o dobrar dos anos, muitos encantamentos se foram quebrando... Porém, outros perduram, envolvidos no seu mistério, indiferentes à marcha dos séculos.

— E aparecem em qualquer lado?

— Quase sempre, junto de cisternas, de noras, poços... em determinadas noites. No velho castelo de Silves, é na noite de S. João que revelam sua presença. Nos subúrbios de Tavira, a vetusta e histórica cidade do Gilão, aí pelo sítio do poço de Vaz Varela, uma há que surge em quase todas as noites em que a Lua domina nas alturas... de preferência quando as amendoeiras florescem.

— Acho tudo muito estranho! — Não nego!... Os prodígios da Magia resultam sempre estranhos para profanos, como nós.

— É impossível que acredite nessas histórias que me conta, de moiras cumprindo fados no reino islâmico do Algarve, que as hostes lusas de há tanto cristianizaram! De certo, procura divertir-se comigo...

— Não assim! Acredito nas moiras encantadas como acredito no Sol e na Lua.

— Desculpe, mas a comparação não vale! O Sol e a Lua vêmo-los, com nossos olhos...

— Se a questão está nisso, quem lhe diz que meus olhos não viram já, também, uma dessas moiras!

— Explique-se, que o não entendo!...

— Nada tem que entender!... Vi uma moira encantada.

— Mas como... e onde?

— Quer então que lhe explique? Pois bem, foi nesse mesmo reino islâmico do Algarve, hoje cristianizado pelas hostes lusas...

— Não há dúvida! Pretende divertir-se, à minha custa...

— Pesa-me que faça maus juízos a meu respeito... Creia que falo verdade!... Foi numa noite calma e luarenta... Toda a terra, por aquelas redondezas, adormecera... A única casita que por ali havia, mancha de cal alvinitente, com sua chaminé artística e caprichosamente lavrada, verdadeira renda de preciosos arabescos, ao gosto algarvio, parecia abandonada ao mais tranquilo dos sonos, como que sonhando... Ao longe, o latir esbatido

e sonâmbulo de um cão constituía a única nota de vida, perdida naquele sossego... Perto, de quando em quando, o leve e quase imperceptível rumor da branda viração, agitando um ou outro ramo mais mimoso das amendoeiras em redor, completamente floridas... Um consagrado poeta algarvio comparou estas árvores, em flor, com meninas da primeira comunhão... Agora, mais que nunca assim pareciam...

— Não diga mais!... A sua moira encantada foi uma dessas amendoeiras!

— Pode pensar assim, mas eu não... O que vi tinha, é certo, a beleza da flor da amendoeira quando o luar a beija... Todavia, deslizava... deslizava, em silêncio, por entre as amendoeiras, com a majestade e a graça duma princesa oriental das mil e uma noites, envolta em vaporoso manto, qual nuvem de fumo transparente... O rosto, coberto por diáfano véu...

— E, só porque teve essa visão, acredita... Não teria sido melhor abeirar-se dela, procurar estreita-la em seus braços, tocá-la com suas mãos?

— Há pouco, dava a entender que bastava que nossos olhos vissem...

— Não queira comparar!... Se tem feito o que digo, se houvesse tentado, com as simples pontas dos dedos que fosse, tanger essa miragem, teria quebrado o seu encanto... descoberto a verdade, isto é, que as tais moiras encantadas só existem na imaginação de alguns poetas... — Esse, o seu engano!...

Minhas mãos nunca podem desmentir meus olhos. Por que haveria a verdade de estar nas minhas mãos e não nos meus olhos?! A verdade é apenas aquilo em que acreditamos. Que adiantava assistir, por essa forma, ao desfazer da minha visão, vê-la fundir-se na própria noite, confundir-se com as amendoeiras em flor, retirar-se, enfim, como apareceu?! Se são assim mesmo as moiras encantadas!...

Teixeira Gomes

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

grou, e com apreciável êxito, à indústria, enquanto que impellido pelo seu espirito requintado e ávido de culturas, viajava pela Europa, nos momentos de ócio das suas actividades comerciais.

Dessas repetidas peregrinações, no estrangeiro, trouxe preciosos conhecimentos sobre a vida artística.

São desse período de fecunda actividade mental os volumes: *Inventário de Junho*, *Cartas sem moral nenhuma* e *Agosto Azul*, além do drama *Sabina Freire* — trabalhos todos eles, a que a crítica rendeu largos elogios. Depois, envolvido de novo em explorações industriais e agrícolas pôs a pena temporariamente de parte, para se ocupar dos seus negócios, o que tudo mais tarde veio a trocar pela diplomacia, onde singularmente brilhou também por influência da sua cultura e da sua natural distinção, ocupando postos dos de mais destaque desse sector da política, entre eles — e por bastante tempo — o de ministro de Portugal em Londres, donde em 1923 o retiraram para ocupar a Presidência da República.

Os desgostos, porém, que a política lhe trouxe e o seu feito avesso às lutas de facção levaram-no a renunciar voluntariamente o cargo antes de terminado o mandato, retirando-se logo de seguida para a Argélia, na cidadezinha de Bougie, onde viveu, em total isolamento, até à sua morte, verificada em Outubro de 1941.

Fundamentalmente artista — como o classificou Aubrey Bell —

DESPEDIMENTO

da nossa acção jornalística

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

«Povo», «Defesa Nacional» (revista), «Revista de Marinha», «Alma Nacional» (revista) e, mais recentemente, «Ecos do Sul», «Correio Olhanense», «Gazeta de Olhão» e «Povo Algarvio», onde nestes quatro semanários (dois destes há muitos meses suspensos) escrevemos 102 artigos — cabendo ao último 41 — desde Abril de 1949 até à data presente. Todos estes periódicos, dirigidos e orientados pelas penas brilhantes de França Borges, João Pedro de Sousa, Martins Júnior, José Duarte Costa — a quem prestamos sentida homenagem às suas saudosas memórias —, José Soares de Oliveira, Maurício de Oliveira, Jacques de Oliveira Neves, Drs. Fausto P. Redondo e Matos Parreira, Isidoro Manuel Pires, Mário Gentil Homem e outros — a quem apresentamos cumprimentos e desejamos uma feliz saúde.

Entre alguns panfletos que publicámos, por sugestão do grande e saudoso jornalista José Duarte Costa escrevi, assinei e fizemos distribuir o *Atentado contra a Nação*, a quando do tão vil atentado contra a preciosa vida de Salazar, em 1937, o qual custou-nos duas cartas anónimas, onde me insultavam e ameaçavam de morte toda a minha família, até à quarta geração; e, por causa disso, respondemos ainda às cabaladas do imundo pasquim clandestino «Avante», cujo resultado foi — sem que eu o soubesse — andar vigiado (protegido) pela polícia à paisana, no receio que os covardes «avantistas» nos atacassem.

Ainda colaborámos na edição *Cadernos Coloniais*, propriedade da «Editorial Cosmos».

Sobre polémicas, no tempo da *linguagem despejada* da imprensa, sempre ansioso por as travar — só uma gostosamente travámos com o célebre radical Almeida Júnior, cuja batalha vencemos com os nossos artigos intitulados: «O energúmeno deu às tranças». — «Onde se encontra o chapéu do fanfarrão?» — «Malhar em ferro frio...», cujo epílogo trouxe-me alguns cortes de relações pessoais, que mais tarde se generalizaram em grossa pancadaria no auge de um congresso partidário.

Com alguns dos nossos artigos e relatos políticos, servimos de escada para muitos madraços já barbados treparem e de bode expiatório de alguns imbecis e vaniloquos na distribuição das postas de tanto bode. Mas, no entanto, sinto-me satisfeito por toda esta descolorida e desprezível obra ter sido sempre orientada por espírito de correcção — dentro da verdade, da justiça e da lealdade que nos caracteriza — no único objectivo de bem servir a Colectividade.

Dir-se-ia que a maior parte do tempo que colaborei na imprensa foi por *diletantismo*, impellido pelo mito de um espirito monomaniaco e morbífico...

A nossa desprezível pena, que nunca se subordinou a ninguém, que não se curvou à subserviência nem à venalidade, esteve sempre muito acima do nível da coacção; e, assim, sem bicos par-

Hóspedes

Aceitam-se em Casa Particular.

Tratar com Bernardino do Nascimento Marçal, Rua Almirante Reis, 54 — Tavira.

Teixeira Gomes, na definição de outro crítico, Philéas Lebesgue, «é um homem que sabe ver, que adora observar-se a viver no meio das coisas e dos seres e a quem o movimento da luz embriaga. Em verdade, pelo seu amor à sinceridade em arte, ao tom precioso, à arte viva ele é, realmente, o precursor dos artistas moços, tendo-lhes aberto o caminho.»

tidos ou gastos pela ferrugem da ignomia, despede-se com mção e sem a mais leve sombra hiperbólica de vanglória dos ilustres directores dos jornais em que escrevinhámos, dos nossos também ilustres colegas, colaboradores, em especial; dos seus amigos, apreciadores e leitores, em geral; e manifesta-se reconhecido a todos, pelas provas de estima, tolerância, carinho e aplauso que sempre dispensaram à nosso simplíssima obra que, no entanto, legou-nos meus descendentes.

Todavia, manter-me-ei excepcionalmente vigilante e à ordem para o ataque, na eventualidade de qualquer acção que possa vir a afectar o Bem Comum e para a defesa dos alvejados pelos efeitos perniciosos de toda e qualquer injustiça praticada.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

GRALHAS

No passado número do nosso jornal, uma impertinente gralha veio cair sobre a local «O lar da Criança», pois, em vez de «mercê da boa vontade de algumas almas generosas», vinha mercê da boa vontade de algumas alunas generosas.

Assim, ficou, deturpado o sentido, pois pode muito bem haver quem ainda pense que há nos lares alunas capazes, com 8 ou 10 anos de idade, de fundarem organizações. Por isso, aqui fica a rectificação.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Por esse Mundo fora...

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

O ANTIGO político e Presidente da República da Cuba, Fulgêncio Batista, voltou a apoderar-se do Governo, por um golpe de Estado. Batista que, como se sabe, era sargento quando chefiou a primeira revolução em 1933, teve a sua acção especial na instrução, criando, em quatro anos, três mil escolas, na sua maior parte, em centros rurais. Demitiu-se e exilou-se em 1944, mas em 1948 apresentou a sua candidatura ao Senado, tendo sido eleito.

EM NOTA dirigida à França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, a Rússia propôs conversações imediatas para a conclusão do Tratado de Paz com a Alemanha. Embora se classifique esta decisão de mais uma tentativa russa para dividir o Ocidente, os Estados Unidos estão estudando a proposta no sentido de averiguar se ela contém algo de novo e útil a bem da união e paz alemãs.

POR sua vez, as potências ocidentais dirigiram à Rússia uma nota acerca do Tratado de Paz com a Áustria, nota que acompanha um projecto de tratado com oito artigos. Na nota lembra-se que, não obstante já terem decorrido nove anos após a promessa feita pela Rússia à Áustria, em 1943, promessa de plena independência, a mesma ainda não se efectivou por culpa exclusiva do Governo soviético.

SEGUNDO «Tito», na fase presente, cada dia que passa diminui o perigo de agressão, em consequência dos países do Ocidente se estarem a rearmar para preservar a paz. Em seguida, indicou as razões por que a Rússia não atacou quando o Ocidente estava ainda desarmado, uma das quais é a Rússia preferir subjugar, por exemplo, económica ou doutrinariamente a fazê-lo pela força.

COLUMBOFILIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Acontece muitas vezes, no entanto, que o instinto de combatividade de um pombo não esteja tão aguçado, perdendo assim o interesse de regressar rapidamente. Podemos reavivar a sua combatividade e ciúme, colocando durante vários dias e durante a noite um intruso entre a pomba que choca no seu ninho e o macho que repousa no patim da gaiola. Veremos, passado algum tempo, que esse pombo perseguirá o intruso por toda a parte e pouco se demora fora do pomal, quando o soltamos.

Para concursar em velocidade, podemos mandar um pombo que se encontre a «picar», se essa for a sua posição favorita. Mas é um grande erro proceder da mesma maneira para concursos fundo e meio fundo. O pombo muito excitado e fortemente deapuerado não terá resistências para vencer uma prova dura; e, na melhor das hipóteses, virá atrasado, se não se perder. Já deveis ter reparado que um pombo nessa posição mal toca na comida, perseguindo a fêmea constantemente para a obrigar à postura e, fatalmente, as suas condições físicas estarão muito abaixo do normal.

Nestes concursos, devemos mandar os pombos bastante repousados no choco, por exemplo,

ou pombos novos que não estejam ainda acasalados.

Devemos começar com muita prudência e deixar os prémios — pelo menos a maior parte deles — para os columbófilos experimentados. Vamos primeiro estudar as possibilidades dos nossos pombos, as suas posições favoritas e treiná-los cuidadosamente.

Para o ano, então estaremos aptos a concursar em igualdade de circunstâncias, conhecendo os nossos pombos tão bem como os nossos dedos.

Concursemos, sim, mas com cuidado e moderação! Os pombos cumprirão a sua missão, se nós soubermos cumprir a nossa.

G. R.

VENDE-SE

A Horta d'El-Rei em Tavira. Recebe propostas em carta fechada o proprietário da mesma, João dos Santos Rodrigues, na Rua da Liberdade.

Aparelho de Baterias

Vende-se um em bom estado, marca «Siera».

Nesta Redacção se informa.

O Preço do Sulfato de Cobre

O país encontra-se abastecido de sulfato de cobre para a presente campanha, apesar das dificuldades mundiais de aquisição do cobre.

O preço médio deste metal que, como é sabido, interessa à preparação militar e armamento do mundo, subiu de 12,200/Kg, na campanha anterior, para 30,500/Kg, na actual.

Em virtude desta extraordinária alta de cotações, o preço do sulfato de cobre nacional subiu para 14,280/Kg.

As autoridades, desejosas de fazer todo o possível para que a Lavoura não tivesse despesas incontroláveis na aquisição deste fungicida, fixou o seu preço de venda em 12,500/Kg, mandando pagar 2,500, por quilo, para todo o sulfato entregue ou a entregar à Lavoura, na presente campanha.

O Fundo de Abastecimento do Ministério da Economia está para este feito a contribuir com cerca de 24.500 contos, a fim de limitar, na medida do possível, a subida do preço do sulfato, provocada pela elevação das cotações internacionais do cobre.

O alto preço do sulfato de cobre é, porém, geral.

Assim, mesmo na Inglaterra, vendedora habitual para o nosso mercado e que apenas forneceu para esta campanha, até esta data, pouco menos de 600 toneladas, ou seja uma pequena quantidade das 15 000 toneladas necessárias, o seu preço fica agora próximo do nacional, qualquer coisa como a 11,500, o quilograma.

Da Turquia há, também, notícia de preços inferiores ao do nosso mercado, e o da Dinamarca chega a atingir os 12,000 do sulfato de cobre português; mas os preços para vendas, por grosso, na Alemanha e na Espanha são já, respectivamente, de cerca de 12,900 e 13,500/Kg, e os de venda a retalho oscilam, na Bélgica entre 14,74 e 17,34/Kg; em França, o preço é de 12,000/Kg, sem sacaria; na Holanda, 12,300; e, na Grécia, varia entre 16,28 e 16,80.

A importação de sulfato de cobre é como se sabe livre.

BARCO DE PESCA

Tipo Penche, construção 1947. Comprimento, onze metros; dezassete toneladas de arqueação. Equipado com motor Diesel — Alfa Craig — de 40 B. H. P. efectivos com arranque eléctrico e manual; vela auxiliar, tanques para 600 litros de gazóleo, instalação eléctrica completa e muitos mais pertences. Registado na pesca costeira e pronto a pescar.

Também se vende — em separado — diversos aparelhos de pesca em estado de novos: redes da pescada — volantes — do patilado, de arrastar, Pinchos para o congro, Espinhets para o badejo, Goraz, etc. A pedido pode-se fornecer fotos do barco e maior número de detalhes. Tratar com os proprietários: A. COELHO & FILHO, LDA.

Telefone 52 Viana do Castelo

VENDE-SE

Um grande prédio, situado na Rua Almirante Candido dos Reis, n.ºs 18, 20 e 22, com rés-de-chão e 1.º andar e muitos compartimentos.

Quem pretender, tratar com a sr.ª D. Maria da Cruz, Largo Dr. António Padinha, n.º 33 — Tavira.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solteador Carmo Peres

VENDE-SE

Uma casa térrea, no Largo D. Ana, n.º 12, composta de 6 divisões, que são 3 quartos, casa de fora, casa de dentro e cozinha. Tem uma janela para o Largo D. Ana e duas para a calçada da Galeria.

Quem pretender dirija-se a António Rodrigues, Rua D. Ana, n.ºs 3 e 5 — Tavira.

Mudou a Estação e a CASA UNIL

apresenta as últimas novidades para Senhoras e Cavalheiros

O calçado da Casa «UNIL» distingue-se sempre pela elegância da sua confecção

Colossal sortido de chapelaria, desde 40\$00 esc., fabricado na mais importante fábrica do nosso País

GUERREIROS A grande marca do chapéu da actualidade, que se distingue, entre todos os outros, pela sua óptima qualidade, admiráveis modelos e briosa confecção.

ÚNICO EXCLUSIVISTA EM TAVIRA, CASA «UNIL»

Casacos confeccionados em tussor e outros tecidos, para cavalheiro, balalaças, etc.; da afamada fabricação SLAV.

ÓPTIMA COLECCÃO DE CORTES PARA FATOS ESPLENDIDA VARIEDADE DE SEDAS PARA VESTIDOS

INTERESSANTE SORTIDO DE MALAS, CARTEIRAS, CINTOS, SOMBRINHAS DE SEDA E ALGODAO, para Senhoras e Crianças.

MALHAS Meias de Nylon, escócia e seda, peúgas, luvas, quimones, fatos de banho para cavalheiro, senhora e criança, etc.

Uma camisa, uma gravata, ou qualquer outro artigo adquirido na Casa «UNIL», é significado do fino gosto da pessoa que o usa.

Visite este estabelecimento e aprecie as suas exposições todas as semanas, especialmente aos Sábados e Domingos

CASA «UNIL» TELEFONE 114
Rua Estácio da Veiga, 19-TAVIRA

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viérgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Tipografia «Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA — Telefone 127

Executa toda a espécie de trabalho com a máxima perfeição.

Uma maquinaria moderna ao serviço da técnica

Fabricação de Carimbos de Borracha

A casa fornecedora de algumas entidades oficiais da nossa província.

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

Brindes da Páscoa

DELICIOSOS DOCES REGIONAIS

EXCELENTE AMENDOAS

VINHOS DO PORTO E ESPUMOSOS

DAS MELHORES MARCAS

MAGNIFICOS LICORES

Encontram V. Ex.ªs nos Estabelecimentos de

Bernardino M. Mateus

Rua Alexandre Herculano, 2 e 4

TELEFONE 47

TAVIRA

Já V. Ex.ªs provaram o vinho da marca

NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Refinado.

«NAMORADO»

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS